

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1980

às mesmas necessidades e funções que as cerâmicas romano-belgas ou romano-germânicas.

Um léxico dos nomes latinos dos vasos, relacionados com os tipos considerados nesta obra, um dicionário dos termos técnicos usados, e uma bibliografia não isenta de erros (vid. sob os nomes de Alarcão, Delgado, Lamboglia), completam o volume.

Os desenhos, obviamente feitos por mais de um desenhador, usando várias convenções, são bons, embora a impressão seja responsável por alguns borrões e empastamentos que prejudicam o aspecto estético sem tornarem todavia difícil a leitura.

O «dicionário» de formas de M. H. e J. San trot vai ser sem dúvida utilíssima obra de referência para os arqueólogos da Aquitânia romana; esperamos que os autores, de cuja capacidade esta obra é inequívoco testemunho, prossigam os seus estudos, orientando-os naquela direcção que consideram a mais significativa, embora, por enquanto, prematura.

JORGE DE ALARCÃO

Carol KRAMER, *E thno-archaeology. Implications of Ethnography for Archaeology*. New York, Columbia University Press, 1979. 1 vol., 292 p., il.

A etno-arqueologia, que alguns autores designam por arqueo-etnografia ou etnografia arqueológica, é uma disciplina recente. Pelos métodos, será uma subdivisão da etnografia; pelos objectivos, individualiza-se como uma disciplina que pretende, estudando a cultura material dos povos primitivos ou das comunidades rurais da actualidade, auxiliar a interpretação dos dados arqueológicos, ou mesmo a prospecção dos sítios. A etno-arqueologia tem contribuído, nos últimos anos, para uma transformação da arqueologia, de mera classificação e ordenação cronológica dos artefactos, no sentido de uma investigação das estruturas socio-económicas e socio-culturais dos povos pré-históricos.

«A etno-arqueologia investiga aspectos dos comportamentos sócio-culturais contemporâneos numa perspectiva arqueológica» (p. 1); por outras palavras, não se limita a definir modelos de funcionamento sócio-cultural (pois então seria antropologia cultural), mas pretende investigar que cultura material lhes corresponde. «Muitos etnógrafos não têm fornecido, nas últimas décadas, quadros sistematizados da cultura material das sociedades que descrevem; ora, é precisamente a cultura material que constitui a essência dos vestígios arqueológicos» (p. 5). A atenção dos etno-arqueólogos concentra-se no estudo da cultura material dos povos primitivos ou das comunidades rurais contemporâneas, mas investiga as estruturas sócio-económicas ou sócio-culturais que determinam essa cultura material. Assim, quando o arqueólogo encontra idênticos restos materiais, poderá suspeitar da existência das mesmas estruturas sociais. Quando encontra idênticos objectos dispostos

assim, disciplinar e tornar mais rigoroso o método comparativo ou o raciocínio analógico a que os arqueólogos recorrem desde que a pré-história se constituiu, no século passado, como disciplina independente. O método comparativo foi, durante gerações, uma aproximação directa, empírica ou intuitiva, entre os restos arqueológicos e as culturas primitivas actuais. A etno-arqueologia pretende ultrapassar essa aproximação directa, casual e contingente, constituindo um corpo de factos que tornará sistemático e mais seguro o raciocínio analógico.

Esta disciplina tem sido, em grande parte, até agora, um estudo das comunidades primitivas que praticam uma actividade de subsistência recolectora. Ora, esta obra que Carol Kramer coordenou, alarga os horizontes: a etno-arqueologia deve estudar igualmente comunidades sedentárias, praticando uma economia produtiva.

C. Kramer define na introdução, claramente, os objectivos da etno-arqueologia e apresenta uma ampla bibliografia de estudos etno-arqueológicos publicados desde 1956. A maior parte dos títulos data da década de 70, provando que a etno-arqueologia se desenvolveu principalmente nos últimos 10 anos.

R. Carneiro apresenta o que pode chamar-se um caso de arqueologia experimental, mais que de etno-arqueologia: o abate de uma árvore com um machado de pedra polida, por um primitivo actual da tribo dos índios Yanomamô (Alto Orinoco, Venezuela). Embora os Yanomamôs já não utilizem tais machados, ainda há entre eles quem se lembre de terem sido usados. Podemos, assim, supô-los perto dos povos neolíticos. Carneiro descreve como é que o Yanomamô encabou o machado e como é que abateu uma árvore, o que lhe demorou 78 minutos. A experiência, todavia, foi viciada pelo jovem Yanomamô que, para facilitar a tarefa, e aproveitando-se da ausência do observador, atacou com um machado de aço o lado da árvore oposto àquele que arremetia com o machado de pedra. Carneiro compara os resultados desta experiência com os ensaios dinamarqueses relatados por Yversen em 1956 e com os de Townsend na Nova Guiné (1959) e apresenta uma fórmula para calcular, em função do diâmetro de uma árvore, o tempo que levará a abatê-la com um machado de pedra: $t = (2,3 \times d^3) \times (1,3 \times h)$, em que d — diâmetro e h = dureza da madeira, avaliada pelo seu peso específico. O próprio autor lança honestamente algumas dúvidas sobre a universalidade desta fórmula.

J. Ebert propõe um modelo de análise e interpretação de conjuntos líticos, alternativo a uma análise percentual. Talvez este modelo, baseado em duas variáveis (as dimensões do objecto e o investimento, em tempo, feito no seu fabrico) permita avaliar mais correcta e directamente que a análise percentual, a mobilidade espacial dos grupos fabricantes dos conjuntos líticos. Temos, porém, sérias dúvidas; a vantagem sobre o modelo percentual não nos parece evidente.

Estudando a cerâmica fabricada por uma comunidade rural do México, Margaret Hardin examina a percepção que os artífices têm, eles mesmos, dos

de maneira semelhante no espaço, poderá supor que as formas de organização espacial eram, no passado, também idênticas. A etno-arqueologia pretende, seus produtos. O artigo pode considerar-se importante contributo para o problema da definição do que deve ser, em arqueologia, um tipo cerâmico.

DeBoer e Lathrap estudam a vida e morte da cerâmica numa região peruana. Acompanham-na, desde a origem da matéria-prima, através da manufactura e da utilização das peças, até ao seu abandono e à formação de montureiras. O estudo é rico de sugestões para os arqueólogos, que muitas vezes se limitam a uma classificação tipológica e cronológica da cerâmica. Alguns aspectos são particularmente interessantes, como os que respeitam aos desgondurantes utilizados ou à durabilidade multi-variável em função dos tipos.

W. Summer, tendo determinado a densidade populacional média de povoados rurais do sudoeste do Irão, aplica esses cálculos ao estudo de uma aldeia pré-histórica parcialmente escavada.

C. Kramer, examinando uma aldeia curda, procura definir em que medida a arquitectura doméstica traduz as condições económicas e as dimensões da família.

As casas curdas integram espaços cobertos e pátios murados. Duas famílias economicamente diferentes podem não ocupar espaços cobertos muito divergentes; mas a família mais rica terá maior pátio. A explicação pode residir em razões técnicas (entre outras): os ricos não dispõem de árvores mais altas que os pobres, e das árvores se fazem as vigas que condicionam as dimensões das salas.

Linda Jacobs examina uma aldeia iraniana que actualmente se renova e se alarga. Procura determinar as relações entre tipos arquitectónicos e tipos de família, estabelecer se a área de uma habitação reflecte directamente o nível económico da família ou depende de outros factores sócio-culturais, bem como apurar que factores condicionam a densidade populacional do habitat. O seu artigo completa, mas não repete, os dois anteriores. É um útil estudo da utilização do espaço numa comunidade concreta, em que os padrões da vida familiar estão em transformação. Antigamente, os filhos, casando, mantinham-se na casa paterna, tornando mais altos os índices de ocupação, os quais, por conseguinte, dependiam de razões sócio-culturais tanto ou mais do que de razões económicas. A construção de novas casas, alargando a aldeia, não traduz nem aumento da população nem consideráveis transformações económicas, mas uma revisão dos padrões da vida familiar e a desintegração da família patriarcal em famílias nucleares. Põe a autora também o problema de saber como identificar, através do equipamento material, o número de famílias nucleares que integram a família patriarcal, bem como o número de membros da família nuclear. O forno de pão é normalmente uma estrutura comum, mas cada família nuclear tem o seu fogão e o seu trem de cozinha e de mesa, através de cujas dimensões se pode calcular o número de membros da família. A universalidade desta situação é, sem dúvida, discutível.

Frank Hole utiliza a etnografia num outro sentido: menos como instrumento de análise e interpretação, mais como guia para a prospecção. Partindo da hipótese de que, no Neolítico, deve ter havido grupos de pastores independentes dos grupos sedentários que praticavam uma economia mista de agricultura e domesticação, o autor pergunta-se: como encontrar vestígios dos acampamentos de pastores nômadas ou transumantes? Seguindo pastores transumantes actuais, o etno-arqueólogo pode estudar a situação dos acampamentos, as razões da escolha do sítio, as actividades dos homens, o seu equipamento, os restos que deixam — e tudo isso lhe será extremamente útil quando se propuser prospectar acampamentos dos pastores neolíticos. É preciso não esquecer (mas disso está o autor perfeitamente consciente) que transformações geográficas e sócio-económicas podem fazer com que os circuitos modernos dos pastores transumantes sejam muito diferentes dos circuitos antigos.

Jochim, partindo de esquemas ou modelos possíveis de utilização do salmão como base de subsistência, e considerando os dados da ecologia, chega a previsões quanto à distribuição do habitat mesolítico no alto Reno. Com efeito, os habitats dependem de condições ecológicas e dos sistemas técnico-económicos. Verificando qual é, na realidade, a distribuição dos vestígios mesolíticos no Reno, Jochim deduz qual dos seus modelos corresponde à economia mesolítica.

Ellen Messer mostra como os estudos de utilização das plantas numa comunidade rural contemporânea podem auxiliar os arqueólogos na interpretação dos restos paleobotânicos descobertos em escavações. O etnobotânico pode proporcionar ao arqueólogo modelos explicativos da utilização das plantas e da distribuição dos seus restos no espaço físico de um habitat, bem como sugerir usos possíveis das plantas. Por outro lado, a etnobotânica, permitindo determinar que espécies vegetais são colhidas na natureza selvagem ou cultivadas nos campos ou nas hortas junto das casas, pode ajudar o arqueólogo na reconstituição dos sistemas agrários.

As relações entre a tecnologia (neste caso, a irrigação dos campos) e as estruturas administrativas locais no vale do Oaxaca (México) são objecto de estudo de H. Lees. A variação das estruturas administrativas não depende das condições tecnológicas, topográficas ou demográficas, mas do grau de intervenção do estado. Por outro lado, as distinções sociais nas várias aldeias não se baseiam em diferenças de posse das águas pelos habitantes do lugar. Embora interessante, este artigo ultrapassa o âmbito da etno-arqueologia e a sua inclusão neste volume é, pelo menos, discutível. O arqueólogo poderá todavia colher deste artigo a lição de que, detectando transformações nos meios técnicos de subsistência, não deve atribuí-los só à evolução do ambiente ou da demografia, mas também à acção do poder central.

O volume, que nos dá assim uma ampla visão da etno-arqueologia, termina com um comentário crítico de Patty Watson sobre os artigos precedentes.

J. ALARCÃO